

## O Jardim e a Matrix: Uma análise da dupla persona de Olavo de Carvalho

*The Garden and the Matrix: An analysis of Olavo de Carvalho's double public persona*

---

### Fabio Camarneiro

É professor adjunto no curso de Cinema e Audiovisual na Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. É doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP, com tese sobre o cinema de Julio Bressane. Entre outros temas, pesquisa as relações entre imagens, arte e política.

### RESUMO

Este ensaio tem como objetivo analisar duas diferentes representações da persona pública de Olavo de Carvalho. Nas redes sociais em geral e no *Twitter* em particular, Olavo demonstra uma faceta imoderada, marcada pelas agressões e pelos xingamentos. Por outro lado, no documentário *O jardim das aflições* (Josias Teófilo, 2017), aparece como um pacato intelectual que reside no interior da Virgínia, nos EUA. Nosso objetivo é estabelecer pontos de contato entre essas duas representações, tentando demonstrar como elas constituem um equilíbrio entre a liberdade imoderada de um bobo da corte medieval e a autoridade erudita de um sábio contemporâneo. Além disso, estabeleceremos paralelos entre os discursos olavista e bolsonarista, levando em conta principalmente a maneira como ambos lidam com a ideia de uma “verdade” que permaneceria oculta pela ação de forças de um imaginário “complô comunista universal”.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Olavo de Carvalho; Jair Bolsonaro; O jardim aflições; Josias Teófilo.*

### ABSTRACT

This article aims to analyze two different presentations of Olavo de Carvalho's public persona. On social media (specially on *Twitter*), Carvalho shows an immoderate side of his personality, that very often uses aggressive or offensive language. On the other hand, the documentary film *The Garden of Afflictions* (Josias Teófilo, 2017) depicts a calm 70-years-old intellectual who lives in the

countryside of the State of Virginia, USA. The objective of this article is to establish a connection between these two different presentations, demonstrating how both help to create a balance between an immoderate, aggressive speech (associated with the medieval jester) and the authority of the erudite. Besides that, our aim is to draw similarities between Olavo de Carvalho's and president Jair Bolsonaro's rhetoric. Both are built around the search for a "truth" that is supposed to be hidden by an imaginary "universal communist plot."

**KEYWORDS:** *Olavo de Carvalho; Jair Bolsonaro; The Garden of Afflictions; Josias Teófilo.*

### RESUMEN

El artículo analiza dúas diferentes representaciones de la persona pública del escritor Olavo de Carvalho. En la internet, y en particular en *Twitter*, Olavo exhibe una faceta inmoderada, marcada por la agresión y por el insulto. Por otra parte, en el documental *El Jardín de las Aflicciones* (Josias Teófilo, 2017), el autor aparece como un pacato intelectual que habita el interior de Virginia, en los EE.UU. Nuestra búsqueda es percibir puntos de aproximación entre las distintas representaciones del autor, intentando así demostrar que ellas terminan por crear un equilibrio entre la libertad inmoderada del bufón medieval y la autoridad erudita del sabio. Además, serán comparados el discurso olavista y el bolsonarista, dándose cuenta que los dos defienden la idea de una "verdad" secreta, ocultada pela acción de un improbable "complot comunista universal".

**PALABRAS CLAVE:** *Olavo de Carvalho; Jair Bolsonaro; El Jardín de las Aflicciones; Josias Teófilo.*

Submetido em 10 de Junho de 2021

Aceito em 23 de Setembro de 2021

## Introdução

As manifestações populares de junho de 2013 marcaram um ponto de inflexão na política brasileira. Após uma década governado pelo PT (Partido dos Trabalhadores), o Brasil entrava em um período de intensa disputa que levou, em 2014, a uma apertada reeleição da presidenta Dilma Rousseff (51,64% dos votos válidos no segundo turno contra 48,36% do candidato adversário), ao golpe

parlamentar-midiático que culminou em seu afastamento em 2016 e, enfim, em outubro de 2018, à eleição do capitão reformado Jair Messias Bolsonaro à presidência. Em pouco mais de cinco anos, a órbita do poder executivo se afastou de um tradicional partido de centro-esquerda para um deputado de extrema direita, membro do chamado “baixo clero” e “representante daquilo que os jornalistas de Brasília apelidaram de “cota folclórica do Congresso” — parlamentares que costumam despertar a atenção pelo histrionismo, pelos arroubos verbais no plenário e pelas confusões em que se metem” (Oyama, 2020, p. 5). Segundo Leonardo Avritzer, “o que presenciamos, entre 2013 e 2018, foi um alinhamento entre classe média, opinião pública e elites cujos principais elementos ainda são obscuros e precisam ser analisados” (Avritzer, 2019, p. 16).

Dentro desse cenário complexo, este ensaio pretende analisar alguns aspectos da figura pública de Olavo de Carvalho, “guru do bolsonarismo [e] autodenominado filósofo [que] se dedica com afinco ao assassinato de reputações” (Mello, 2020, loc. 1197); “ex-astrólogo com um fraco por escatologias e obscenidades” (Oyama, 2020, p. 77); “artífice de uma *retórica do ódio* que ameaça levar o país a um esgarçamento inédito” (Rocha, 2021, p. 39); “pioneiro e centro influenciador do que podemos chamar de antipetismo contemporâneo” (Alves, 2019a, p. 113). Com intensa atividade nas redes sociais, Olavo tem o respaldo de significativa ala de apoiadores de Bolsonaro, o que levou um articulista do jornal *Folha de S. Paulo* a usar a expressão “bolsolavismo” (Lopes, 2020). Nossa análise se concentrará na persona de Olavo na internet, especialmente na rede social *Twitter*, e principalmente na maneira como aparece retratado no documentário *O jardim das aflições* (Josias Teófilo, 2017). Nossa tentativa é dar conta das diferenças entre esses dois retratos, bem como das escolhas do filme de Josias Teófilo. Para isso, nossa aposta metodológica pretende cotejar a análise discursiva das manifestações de Olavo nas redes sociais e a análise fílmica de determinadas sequências de *O*

*jardim das aflições*. Ao final, pretendemos fazer um balanço da questão da “verdade” dentro dos discursos olavista e bolsonarista.

### 1. Olavo quem?

O início das atividades de Olavo como ideólogo de direita remonta aos anos 1990, quando publicava seus artigos em diversos órgãos de imprensa. Na década seguinte, após ser demitido de vários periódicos, ele investiu no uso de plataformas online e em cursos de filosofia à distância. Hoje, apesar de não ter formação acadêmica tradicional, leciona no Curso Online de Filosofia – COF (Alves, 2019a, p. 115). Para João Cezar Castro Rocha, a figura de Olavo é central para entender a ascensão da direita brasileira durante as últimas décadas. Segundo o autor, esse fenômeno estaria ligado à “ação inicialmente positiva de Olavo de Carvalho na década de 1990, ampliando o repertório bibliográfico e fortalecendo a musculatura da direita por meio de polêmicas estratégicas contra ícones da esquerda” (Rocha, 2021, p. 39). Por “inicialmente positiva”, Castro Rocha especifica que, “antes da explosão dos movimentos conservadores na década de 2010, coube a Olavo de Carvalho a tarefa de contestar a hegemonia intelectual da esquerda no plano da cultura” (Rocha, 2021, p. 53).

A influência de Olavo alcançou dimensão inaudita a partir da popularização das redes sociais, tornando-o um “pioneiro na criação de espaços discursivos ideológicos antiesquerdistas na internet” (Alves, 2019a, p. 116). Assim, a última década acompanhou a crescente presença, no espaço virtual, de discursos ligados à direita (ou à extrema direita), cuja “figura principal [...], pelo menos no plano ideológico, foi e é Olavo de Carvalho” (Fausto, 2019, loc. 2119). Segundo Ruy Fausto, a direita “dominou e ainda domina, no Brasil, esse espaço [virtual]” (Fausto, 2019, loc. 2010).

Apesar da dificuldade em se entender exatamente como a hegemonia dos discursos de direita e de extrema direita nas redes sociais foi responsável pela eleição de Bolsonaro em 2018, há certo consenso sobre a importância do uso dos recursos tecnológicos no resultado do pleito. Em primeiro lugar, nunca é demais lembrar que, “ao longo do seu último mandato como deputado federal, Bolsonaro se transformou no político brasileiro com maior influência nas redes sociais” (Nicolau, 2020, loc. 1086). A apenas dez dias do segundo turno da eleição, em 18 de outubro de 2018, o jornal *Folha de S. Paulo* publicou uma matéria sobre empresas que teriam sido contratadas para realizar disparos em massa em grupos de WhatsApp com mensagens a favor do candidato Jair Bolsonaro — uma atividade ilegal. Assim que a reportagem veio a público, a jornalista Patricia Campos Mello, que assinava a matéria, tornou-se vítima de uma covarde campanha de desmoralização nas redes sociais, espécie de linchamento virtual: “Em poucos minutos eu tinha virado ‘putinha do PT’, ‘vagabunda comunista’, ‘jornalística comunista’ e daí para baixo” (Mello, 2020, loc. 79). Em seu livro *A máquina do ódio*, a jornalista mostra como o uso das redes sociais e de aplicativos de mensagem instantânea não foi exclusividade da campanha de Bolsonaro, mas se transformou na principal ferramenta das campanhas de outros políticos de direita e de extrema direita como Donald Trump, eleito presidente dos EUA em 2016, e Narendra Modi, reeleito primeiro-ministro na Índia em 2019 (Mello, 2020). Assim, é possível notar que a guinada à direita na política brasileira está longe de ser um caso isolado.

Sobre a ascensão de governos populistas em anos recentes, Andrés Bruzzone cunhou o termo “ciberpopulismo”: a “combinação eficiente de técnicas de propaganda do século XX com as possibilidades abertas pela tecnologia do século XXI” (Bruzzone, 2021, p. 13). Apesar do termo “populismo” ser usado de maneira pouco rigorosa, podemos pensar que Olavo de Carvalho seria uma figura central para entendermos a associação entre comunicação política e novas

tecnologias. A presença de Olavo na internet é significativa. Em maio de 2021, suas duas contas no *Twitter* contabilizavam pouco mais de 628 mil (@opropriolavo) e 712 mil seguidores (@OdeCarvalho). Nesta, encontram-se principalmente vídeos com trechos de suas aulas online e, naquela, entre propaganda de livros e cursos, uma série de comentários políticos, diatribes e ofensas contra seus desafetos. Além disso, Olavo conta com mais de 717 mil seguidores no *Instagram* (@opropriolavodecarvalho), 587 mil em seu perfil pessoal no *Facebook*, 576 mil em sua *Fanpage* oficial também no *Facebook* e 1,03 milhões em seu canal no *YouTube*<sup>1</sup>.

Entre as atividades de Olavo nas redes sociais, uma das mais contumazes é perseguir e ridicularizar seus adversários. Em 10 de maio de 2021, ele escreveu no *Twitter*: “Cagadas do governo Bolsonaro: atacar os empresários de mídia, não os jornalistas um por um. Unir os inimigos em vez de dividi-los é ESTUPIDEZ IMPERDOÁVEL”<sup>2</sup>. A tática da perseguição individual explicitada na mensagem remete aos ataques sofridos pela jornalista Patricia Campos Mello. Além disso, ao citar nominalmente o presidente, Olavo parece exigir tal atitude do próprio governo federal. Segundo Castro Rocha, “a supressão de mediações define tanto a técnica oratória olavista quanto a pulsão autoritária bolsonarista [...], exigindo adesão absoluta e, por isso, necessariamente acrítica” (Rocha, 2021, p. 60-61). Qualquer debate deixa de ser uma disputa política entre adversários com propostas distintas e torna-se uma guerra, em que ao inimigo não está reservado

<sup>1</sup> @opropriolavo (Twitter). disponível em: <<https://twitter.com/opropriolavo/>>. acesso em: 14 maio 2021. @OdeCarvalho (Twitter). disponível em: <<https://twitter.com/OdeCarvalho/>>. acesso em: 14 maio 2021. @opropriolavodecarvalho (Instagram). disponível em: <<https://www.instagram.com/opropriolavodecarvalho/>> acesso em: 14 maio 2021. Olavo de Carvalho (Facebook). disponível em: <<https://www.facebook.com/olavo.decarvalho>>. acesso em: 14 maio 2021. Olavo de Carvalho — Fanpage Oficial (Facebook). disponível em: <<https://www.facebook.com/carvalho.olavo>>. acesso em: 14 maio 2021. Olavo de Carvalho (YouTube). disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC6RQhzm93SterWntL7GzqYQ>>. acesso em: 14 maio 2021.

<sup>2</sup> @opropriolavo (Twitter), 10 maio 2021. disponível em: <<https://twitter.com/opropriolavo/status/1391878899131375622>>. acesso em: 14 maio 2021. A caixa alta é do original.

qualquer respeito ou tolerância, mas sua completa destruição. Conforme Bruzzone, essa é uma das consequências em um ambiente de profunda polarização, “quando a política se transforma em mero embate entre posições que se excluem, sem pontos de encontro nem terreno comum. Quando não há adversário, mas inimigo” (Bruzzone, 2021, p. 8).

## 2. Uma práxis imoderada

Essa tática belicosa parece ser positiva para uma maior viralização dos conteúdos *online*, independentemente de sua veracidade. Segundo Mello, “o próprio modo de funcionamento das redes sociais atua de forma a não favorecer políticos — ideias — moderados” (Mello, 2020, loc. 1605). O *Twitter* de Olavo é um bom exemplo dessa práxis imoderada: um amálgama de xingamentos, ofensas e ataques a adversários normalmente associados ao “comunismo” e que o autor elenca da seguinte maneira: “Mídia, show business, academia e bancos: os quatro pilares em que se assenta o Império Universal da Mentira, a glória de Satanás”. Contra esses inimigos confessos, o autor prega a defesa da “verdade” e de valores vagamente religiosos. Segundo Hussne, o ideário de Olavo nas redes sociais seria

[...] uma síntese entre o paleoconservadorismo norte-americano e o reacionarismo romântico europeu, com elementos filosóficos aristotélico-tomistas. Some-se a isso indicações bibliográficas abundantes, sensacionalismo ofensivo e eloquência verbal (Hussne, 2020).

Quando responde a algum de seus desafetos, Olavo apresenta um *modus operandi* em que “classifica o crítico como um analfabeto funcional, passa por uma digressão sobre o problema da educação universitária no Brasil, e termina com um palavrão ou trocadilho envolvendo o nome da pessoa. O público vai ao delírio” (Hussne, 2020).

Antes da eleição de 2018, essa práxis imoderada encontraria eco em um político de extrema direita que ninguém imaginava capaz de chegar ao mais alto cargo executivo do país e que, à época, colecionava impropérios. Entre tantos outros, em dezembro de 2014, ter dito à deputada Maria do Rosário (PT-RS) que não a “estupraria” porque “ela não merecia” (Falcão; Guerreiro, 2014). Hussne lembra que, assim que a vitória de Bolsonaro foi confirmada, “Olavo era saudado nos fóruns de internet como o grande vencedor da contenda eleitoral. O resultado teria sido uma coroação merecida por uma tarefa árdua que tomou vários e vários anos de sua vida” (Hussne, 2020). Por outro lado, Oyama afirma que, apesar de ser “uma das principais vozes do bolsonarismo, [...] sua influência no governo [...] foi francamente superestimada” (Oyama, 2020, p. 77). Superestimada ou não, essa influência se manifestou por exemplo quando Ricardo Vélez Rodríguez, “nome indicado por Olavo de Carvalho, foi anunciado ainda em novembro de 2018 [...] para a pasta da Educação” (Calejon; Vizoni, 2019, p. 151). Vélez permaneceu pouco tempo frente ao ministério e, “ainda durante a primeira semana de abril de 2019, foi demitido do cargo para dar lugar a outro discípulo de Olavo de Carvalho: Abraham Weintraub” (Calejon; Vizoni, 2019, p. 152). Em novembro de 2018, ao avaliar a política externa do governo do capitão, o cientista político e professor Guilherme Casarões afirmou que

a bancada Bolsonaro, representada pelos deputados Eduardo Bolsonaro, Joice Hasselmann e outros do PSL, é alinhada ao antiglobalismo de Olavo de Carvalho. Tem os ouvidos do chanceler (Ernesto Araújo). Defende a mudança dos valores da Política Externa Brasileira, o alinhamento com Trump e outras lideranças conservadoras, bem como o fim das pautas progressistas na ONU (Calejon; Vizoni, 2019, p. 206).

Semanas após a demissão de Araújo do cargo de chanceler, no final de março de 2021, Olavo de Carvalho escreveu na rede social *Twitter*: “Todos os ministros que sobraram no governo Bolsonaro, depois da saída do Ernesto Araújo,

não têm estatura intelectual nem para engraxar os sapatos dele”<sup>3</sup>. Para citar ainda outros nomes, “ex-alunos de Olavo de Carvalho, Carlos Nadalim [Secretário de Alfabetização do Ministério da Educação] e Filipe Garcia Martins [Assessor Internacional da Presidência da República] foram anunciados como integrantes da nova administração federal” (Calejon; Vizoni, 2019, p. 149). Em meio a uma sessão no Senado Federal em 24 de março de 2021, Martins, foi flagrado por câmeras fazendo um gesto racista ligado ao movimento supremacista branco (Machado; Della Coletta, 2021).

Enquanto membros do governo, os nomes aqui citados pareceram repetir, em maior ou menor grau, a práxis imoderada de Olavo de Carvalho. Como pode ser comprovado na mensagem que pedia o ataque sistemático a jornalistas, Olavo discorda do governo face a qualquer tentativa de moderação ou negociação com aqueles tidos como inimigos. Assim, ainda que alguns considerem a influência de Olavo no governo federal como “superestimada”, a expressão “bolsolavismo” é tampouco nada mais que um exagero retórico. Obviamente há pontos de contato entre os discursos olavista e de parte da plataforma de apoio de Jair Bolsonaro. Porém, o olavismo com sua práxis imoderada seria apenas uma entre outras forças de sustentação do governo do capitão reformado.

O objetivo da práxis imoderada de Olavo, seu “projeto” para o país, é explicitado em uma de suas mensagens: “Formar uma nova e poderosa classe intelectual é A ÚNICA ESPERANÇA de salvar o Brasil. O ÚNICO esforço sério nessa direção é o meu, mas todos os dias me arrependo de haver começado tão tarde”<sup>4</sup>. Uma classe intelectual conservadora e reacionária, de base religiosa. O inimigo é

---

<sup>3</sup> @opropriolavo, Twitter, 24 abr. 2021. disponível em: <<https://twitter.com/opropriolavo/status/1386073036491735040>>. acesso em: 8 maio 2021.

<sup>4</sup> @opropriolavo, Twitter, 21 abr. 2021. disponível em: <<https://twitter.com/opropriolavo/status/1385047573354930177>>. acesso em: 8 maio 2021. As caixas altas são do original.

não apenas o “comunismo”, mas tudo aquilo que, no livro *O jardim das aflições*, o autor resume como “a política do Anticristo sobre a Terra”:

investir o Estado de autoridade espiritual, restaurar o culto de César, banir deste mundo a liberdade interior que é o reino de Cristo.

Essa causa é geralmente associada ao comunismo. Mas ela foi incorporada pelas três formas do Estado moderno: comunista, nazifascista e liberal (Carvalho, 2000, p. 120-121).

Note-se que o autor fala não apenas do Estado comunista ou do nazifascista, mas também do liberal. Isso em parte explica o porquê, em suas postagens, o Estado democrático, as universidades e a grade mídia aparecem indissociadas ora do comunismo, ora do nazifascismo. O fundo do pensamento de Olavo não é propriamente histórico ou sociológico e sequer filosófico, mas religioso. Como resume Castro Rocha, o olavismo não seria um sistema de pensamento, mas, antes de mais nada, um “poderoso sistema de crenças” (Rocha, 2021, p. 89).

### 3.0 jardim das aflições

Contrariando as expectativas de quem conhece a persona pública de Olavo de Carvalho apenas a partir de suas redes sociais, *O jardim das aflições*, documentário de Josias Teófilo, mostra um personagem em nada imoderado. Ao invés da virulência e do baixo calão, tão típicos de suas postagens na internet, o que se vê é um palestrante compenetrado, a responder de maneira calma às perguntas dos entrevistadores (seja o realizador do documentário ou o jornalista Wagner Carelli) que, por sua vez, demonstram uma atitude reverente frente a Olavo.

O esforço do filme parece ser construir ao redor de seu personagem central uma aura de autoridade intelectual ou, como escreveu o crítico de cinema Inácio Araujo, uma “necessidade de exhibir a erudição” de Olavo, mostrando-o como “uma

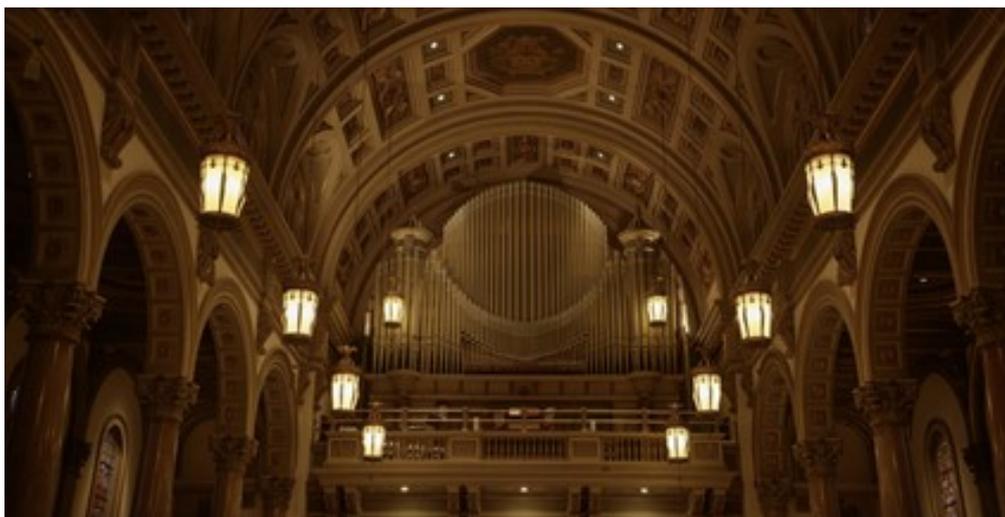
máquina de citações [que] salta de Epicuro a Platão, Aristóteles, a Bíblia, Heidegger” (Araujo, 2017). Essa “máquina de citações” encontra uma equivalência visual na montagem de sucessivos planos de livros e mais livros, a preencher estantes e prateleiras. O ritmo é lento e, nos enquadramentos, são recorrentes as composições equilibradas, não raro centralizadas e simétricas — qualidades associadas à arte renascentista e (neo)clássica ou, em outras palavras, às ideias de “contenção” e “racionalidade”, opostas às ideias de “imoderação” e “contundência” que marcam a persona de Olavo nas redes sociais. Exemplos desses enquadramentos podem ser encontrados quando Olavo fala atrás de uma mesa, a estante com livros ao fundo (cf. figura 1), ou quando vemos o interior de uma igreja (cf. figura 2).

**Figura 1:** o plano frontal e centralizado de Olavo de Carvalho em *O jardim das aflições*



Fonte: filme *O jardim das aflições*

**Figura 2:** o enquadramento simétrico no interior da igreja em *O jardim das aflições*



Fonte: filme *O jardim das aflições*

A tentativa de criar conexões com a cultura erudita encontra-se também na trilha musical, que traz o trecho inicial da *Primeira Sinfonia* do compositor finlandês Jean Sibelius — uma referência direta à introdução que o poeta Bruno Tolentino escreveu para o livro *O jardim das aflições*, em que compara “o método de composição” de Olavo como “paralelo aos procedimentos sinfônicos de um Sibelius” (Carvalho, 2000, p. 10). Outros acenos à cultura erudita são as inserções de trechos de filmes como *Ivan, o terrível* (*Ivan Groznyi*, Sergei M. Eisenstein, 1944), *No tempo das diligências* (*Stagecoach*, John Ford, 1939), *Aurora* (*Sunrise: A Song of Two Humans*, F. W. Murnau, 1927) e, este usado de maneira um pouco gratuita, sem conexão evidente com o contexto do documentário, *Limite* (Mário Peixoto, 1931).

Logo no início do documentário, Olavo tenta resumir as ideias centrais do livro homônimo, que desenha uma trajetória entre “o Jardim de Epicuro” e “o Estado moderno, totalitarismo, genocídio”. Depois de Epicuro, em que alguns eleitos podiam “ignorar o mundo e se refugiar em seus próprios pensamentos”, há o Jardim do Éden, em que os personagens bíblicos de Adão e Eva “abandonam a

árvore da vida e se apegam à árvore do conhecimento”. Em seguida, o Jardim das Oliveiras, outro episódio bíblico, este do Novo Testamento, em que “toda a maldade se concentra nas costas de Nosso Senhor Jesus Cristo” e, finalmente, o jardim das aflições do título, que corresponderia ao tempo histórico atual e que Olavo associa ao Estado moderno e sua tendência a “isolar, controlar e administrar”. A ideia que perpassa todos esses jardins é que, ao escolher o pensamento (Epicuro) ou o conhecimento (Adão e Eva), a humanidade teria se afastado da “verdadeira” realidade e assim possibilitado a existência de todos os males que assolam o mundo contemporâneo. Uma ideia que segue de perto o modelo bíblico da queda, que o filme enfatiza ao lançar mão de imagens de arquivo com aviões despejando bombas ao som da *Primeira Sinfonia* de Sibelius. Segundo o pensamento de Olavo, tudo que chamamos “modernidade” ou “civilização” teria, apesar de eventuais e efêmeras belezas (como a música de Sibelius), a marca dessa irrevogável queda. Ou, nas palavras menos moderadas do já citado *tweet*, viveríamos hoje o “Império Universal da Mentira, a glória de Satanás”.

Nessa visão de mundo, não resta opção além de pregar o combate a certos valores (representados, entre outros, por “mídia, show business, academia e bancos”) que nos afastariam da “realidade” e nos manteriam condenados ao “jardim das aflições”. Tampouco resta opção além de pregar a defesa de outro conjunto de valores que, ainda que não apareçam assim elencados nem no livro nem no documentário, podemos resumir como sendo, entre outros: a “verdade”, a religião, a família e o território. Elementos que aparecem recorrentemente na retórica do filme de Josias Teófilo.

Começamos pelo território. Uma cena ao ar livre mostra Olavo encostado em uma cerca, de mãos dadas com sua esposa, com um gramado e árvores atrás deles e a contraluz criando uma aura luminosa em torno de seus corpos. Nesse cenário, ele declara que o Estado americano da Virgínia (onde o casal mora) “não é

os EUA, mas a mãe dos EUA”. E completa: “aqui você tem uma série de valores que no resto do país estão se perdendo”. Para Olavo, esses valores estariam associados tanto a uma tradição religiosa quanto aos

pobres e não escolarizados, os mais distantes da educação institucionalizada e da produção de conhecimento. No Brasil, assim como nos Estados Unidos, eles são os guardiões da espiritualidade, aqueles que alcançaram um modo de vida comunitário e um contexto quase extintos na modernidade (Teitelbaum, 2020, p. 231-232).

Em outra passagem, Olavo afirma que “O povo brasileiro é muito cristão. As pessoas pobres. Abaixo da classe média. Alguns são católicos, alguns são protestantes, mas eles realmente acreditam em Jesus Cristo” (Teitelbaum, 2020, p. 227). A oposição entre conhecimento e “realidade” ganha novos contornos: trata-se de uma massa inculta (e crente) em oposição aos valores modernos do conhecimento acadêmico, da ciência, da grande mídia, mas também do consumismo etc. Teitelbaum percebe nas ideias de Olavo um peculiar encontro entre duas tendências: de um lado, o Tradicionalismo (movimento conservador que entende o mundo moderno como espiritualmente decadente e que defende um retorno a valores espirituais arcaicos); de outro, o populismo de direita (que tende a evocar uma raiz popular para suas ações, o líder visto como representante direto da totalidade do povo). O autor aproxima Olavo da figura de Steve Bannon — estrategista da campanha de Trump à presidência dos EUA que foi preso em agosto de 2020 e libertado depois de um indulto presidencial —, mas nota também uma diferença entre eles: enquanto tradicionalistas como Bannon entendem que a espiritualidade estaria ausente no Ocidente e ainda presente no Oriente (o que em parte explicaria a ligação de Bannon e Trump com, por exemplo, a Rússia, país situado em uma região supostamente mais próxima dessa espiritualidade), Olavo operaria uma inversão no mínimo curiosa dessa ideia. Voltando mais uma vez aos

“jardins” do livro, é como se o brasileiro elege-se não mais o Oriente, mas o território do sul dos EUA como local marcado por uma importância espiritual elevada; como se houvesse “uma convergência profunda” entre, de um lado, “os *hicks* e os *headnecks*, como Olavo carinhosamente os chama, e, do outro, os ocultistas excêntricos do Tradicionalismo” (Teitelbaum, 2020, p. 232).

No documentário de Josias Teófilo, o elemento religioso aparece de maneira discreta, mas sempre ligado a outro tema caro para Olavo (e seus seguidores): a família. Há algumas cenas com Olavo e sua esposa Roxane no interior de uma igreja católica, além de orações na mesa antes das refeições. Não passa despercebida a maneira como certa formalidade associada à cerimônia religiosa ressurge nas reuniões familiares, em que filhos e netos parecem pouco à vontade ao desempenhar seus papéis em frente à câmera (papéis que talvez lhes foram impostos pela presença da câmera). Essa patente falta de espontaneidade é outra manifestação daquela reverência demonstrada pelos entrevistados de Olavo. Seja ouvir atentamente o professor ou sentar-se à mesa para as refeições, seja ir à igreja ou mesmo entrar em um sebo e escolher livros, tudo se torna mais ou menos ritualizado na presença do personagem central de *O jardim das aflições*, em que o contato com a “verdadeira realidade” — tema tão caro ao discurso de Olavo — resume-se a uma sucessão de cerimônias a celebrar a erudição do “mestre”, a devoção religiosa e a aparente harmonia familiar.

#### 4. E a verdade vos libertará... da *Matrix*

Em mais de uma ocasião (em *lives*, discursos e entrevistas, mas também para justificar seu boicote ao jornal *Folha de S. Paulo*), Jair Bolsonaro repetiu o versículo 23 do capítulo 8 do Evangelho de João: “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Lopes, 2019). Normalmente, os contextos dessa citação

apontavam que, assim como Olavo, o presidente do Brasil também acredita que a informação oriunda da mídia tradicional ou dos meios acadêmicos e científicos faria parte de uma espécie de grande esquema de ocultação da “verdade”, um “complô comunista universal” com pretensões de controlar o mundo (Gomes, 2019). O citado episódio envolvendo a jornalista Patricia Campos Mello é apenas um entre outros exemplos de como tais teorias têm levado tanto Olavo como Bolsonaro (além dos seguidores de ambos) a desqualificar quaisquer discursos que contrariem suas próprias crenças, sejam denúncias, opiniões divergentes ou o próprio saber científico.

Teorias da conspiração à parte, a ideia de que a realidade seria nada além de um grande simulacro encontra-se muito presente também em alguns filmes de ficção científica dos anos 1990, dentre os quais destacamos *Matrix* (*The Matrix*, Lana (anteriormente Larry) Wachowski; Lilly (anteriormente Andy) Wachowski, 1999), a história de um programador que descobre que o mundo é uma gigantesca simulação controlada por máquinas. Em uma importante cena do filme, o líder dos humanos rebeldes (Morpheus) oferece ao personagem central (Neo) a opção entre duas pílulas: enquanto a azul o levaria a acordar em sua cama, como se nada tivesse acontecido, a vermelha o levaria a “um passeio no buraco de *Alice no país das maravilhas*” — uma referência à obra de Lewis Carroll. O psicanalista Christian Dunker não deixa de notar a ironia presente na formulação dessa proposta. Para o autor — e diferentemente do que poderíamos encontrar no ideário olavista ou bolsonarista —, em *Matrix* a oposição não se dá entre uma simples oposição entre “mentira” e “verdade”, mas entre, de um lado, o autoengano e, do outro, um conto infantil. (Dunker, 2012) Caso escolha abrir mão de suas certezas iniciais (a crença de que o mundo corresponderia tal e qual à sua própria percepção), o personagem Neo não encontrará novas certezas (mais “verdadeiras” que as primeiras), mas apenas renovadas dúvidas. Dunker resume a questão ao afirmar que “a primeira

volta da verdade é insuficiente, ela realiza, subjetiva o desejo, mostra seu núcleo traumático, revira a história, no entanto, abre como questão o ‘outro’ e, com isso, ‘a resistência’” (Dunker, 2012, p. 122).

Em *Matrix*, a escolha entre as duas pílulas não simboliza a dicotomia — tão comum nos discursos olavista e bolsonarista — entre uma “verdade” e uma “mentira” absolutas, mas apenas algo relacionado a uma “primeira volta da verdade”, ou seja, uma escolha entre, de um lado, certas certezas que o sujeito entenderia como inquestionáveis e, de outro, as novas dúvidas que surgem quando esse mesmo sujeito se descobre um “outro”. Um sujeito que desconhece a si próprio e que enfrenta resistências internas contra o movimento em direção a essa descoberta. Dito de maneira socrática, o primeiro passo rumo ao autoconhecimento é o sujeito descobrir que “só sabe que nada sabe”. Ou, ainda nas palavras de Dunker, quando “a assunção da ignorância torna a equivocação da verdade o motor da experiência subjetiva” (Dunker, 2012, p. 118-119).

Uma palavra que muito aparece nos discursos olavista e bolsonarista é “ideologia”, usada para indicar o favorecimento de certos grupos em detrimento de outros. No léxico particular tanto do olavismo quanto do bolsonarismo, “ideológico” expressaria alguns grupos privilegiados, sociais ou políticos, em busca de consolidar suas vantagens e colaborar assim para aumentar situações de desigualdade. Nessa acepção muito particular da palavra, o oposto de “ideológico” seria “técnico”, expressão que por sua vez marcaria uma posição isenta e imparcial sobre qualquer tema em pauta e que, portanto, colaboraria para aumentar situações de igualdade.

Usada de maneira totalmente outra, a mesma palavra “ideologia” aparece na análise de Dunker sobre *Matrix*:

A realidade é justamente o que você vê, e tem que ver, e só pode ver, para não enxergar. Aqui real e realidade se separam, em perfeito acordo com a

tese de Lacan. A realidade é aquilo que a Matrix produz: um sistema de significações, uma ideologia, uma visão de mundo que o organiza de forma a velar o real (Dunker, 2012, p. 119).

Uma leitura desatenta talvez pudesse associar as ideias do psicanalista àquelas de Olavo. Afinal, ambos parecem afirmar que a “ideologia” existe para “velar o real”. Mas é preciso lembrar que, segundo Lacan, o “real” equivale àquilo que justamente não pode ser simbolizado, ao que escapa à linguagem (Lacan, 1985, p. 21). Na passagem de Dunker, “realidade” aparece em equivalência (e não em oposição) a “ideologia”. Atrás de ambas, haveria ainda o que está além do simbólico, o real. Assim, Dunker prossegue afirmando que o personagem Neo “não pode *dizer* o que é a *Matrix*. Só se pode *ver* a *Matrix* por si mesmo. Mas ver não indica aqui a ação sensível do olhar. Trata-se da experiência, não do conceito ou da intuição” (Dunker, 2012, p. 120). Uma experiência de subjetivação. Uma experiência, poderíamos acrescentar, de autoconhecimento.

Constituindo-se como um “sistema de crenças”, o olavismo não convida a uma experiência de *autoconhecimento*, mas sim de *reconhecimento* por parte de outros membros do grupo. Letícia Cesarino identifica grande parte da força do bolsonarismo a partir dessas relações grupais, em que cada parte busca a identificação com o coletivo e sua distinção de adversários e inimigos, “uma política constante, tanto de diferenciação antagonística externa quanto de intensificação do pertencimento interno” (Cesarino, 2019, p. 536-537).

A ideia de um coletivo em que todas as individualidades poderiam de alguma maneira se diluir nos ajuda a entender melhor as opções estéticas de *O jardim das aflições*. Os rituais coletivos do filme (alunos e entrevistadores que ouvem atentamente o mestre, as cerimônias religiosas, as refeições em família) simbolizam uma coletividade que se sobrepõe às individualidades que a constituem. Resta apenas a voz da autoridade (ou talvez a voz autoritária) do líder.

No episódio da eleição de Bolsonaro, Cesarino cunhou a expressão “corpo digital do rei”, para explicar “como, após o atentado a faca que retirou Jair Bolsonaro da esfera pública, seu corpo debilitado foi substituído por um corpo digital formado por seus apoiadores, que passaram a fazer campanha no seu lugar” (Cesarino, 2019, p. 533). Partindo dessa definição, podemos definir, no caso de Olavo, dois tipos de estratégia discursiva: nas redes sociais, ele tende a operar num registro próximo ao que podemos chamar de o “corpo digital do bobo da corte”. Nesses casos, ele intenta que seus ataques e xingamentos viralizem e que, pela repetição, possam se transformar em evidências discursivas, em consensos compartilhados por seu grupo de apoiadores. Seu modelo é algo próximo ao bobo da corte da época medieval, que estava autorizado a questionar e ridicularizar a tudo e a todos de maneira completamente imoderada.

Por outro lado, há o Olavo que aparece em seus livros, nos cursos e no filme de Josias Teófilo. Não mais o bobo da corte, mas o sacerdote, o sábio que amealhou conhecimento e que possui acesso privilegiado à “verdade”. Enquanto a figura de bobo da corte lhe confere uma espécie de passe livre para seus xingamentos, a figura de sacerdote lhe confere a erudição (ainda que aparente) que sustenta sua autoridade. Mais impressionante é a maneira como Olavo pode transitar entre um e outro personagem. Quando o sacerdote não dá conta de responder com ideias às críticas que recebe, surge o bobo da corte; quando o bobo da corte começa a perder sua aura de seriedade e sua autoridade intelectual parece vacilar, retorna o sacerdote, como que para certificar que existe um “saber” (ou uma “verdade”) a sustentar os discursos irascíveis e imoderados do Olavo das redes sociais.

## Considerações finais

Num processo que começa, como aponta Castro Rocha, nos anos 1990 e que culmina na eleição de Jair Bolsonaro à presidência, o Brasil vive uma ascensão do pensamento de direita. Vitor Cei analisa “as listas de *best-sellers* [...] exibindo livros de militantes neoliberais, conservadores ou reacionários como [...] Olavo de Carvalho” para identificar uma “relativa hegemonia cultural da direita e ascensão do reacionarismo” (Cei, 2017, p. 207).

Neste ensaio, buscamos analisar a dupla persona pública de Olavo de Carvalho: ora imoderado e agressivo (principalmente nas redes sociais), ora compenetrado e erudito (como nos livros e no documentário *O jardim das aflições*). Longe de serem contraditórias, tentamos mostrar como essas duas personas se retroalimentam: ao mesmo tempo em que o imoderado bobo da corte digital goza de grande popularidade (o que prova o número de seus seguidores nas redes), ele se aproveita do respaldo intelectual do pensador conservador que, por sua vez, pode lançar mão do imoderado bobo da corte para atacar de forma virulenta seus inimigos, tidos como representantes de um suposto “Império Universal da Mentira” ou de um igualmente suposto “complô comunista universal”.

Buscamos também demonstrar que um dos pontos em comum tanto entre as duas personas de Olavo como entre este e Jair Bolsonaro é o recurso retórico da existência de uma teoria da conspiração que ocultaria a “verdade” da maioria da população do planeta. Porém, a teoria de Jacques Lacan possibilita desmontar a oposição binária entre “verdade” e “mentira”, lembrando que o caminho do conhecimento verdadeiro (bem como o do conhecimento científico) não é necessariamente a busca por mais “verdade”, mas por mais e melhores dúvidas, mais e melhores questionamentos que possibilitarão novas descobertas (que suscitarão outras dúvidas e assim sucessivamente). As cenas do documentário *O*

*jardim das aflições*, elaboradas como rituais, não permitem que se entreveja nenhum lampejo de dúvida nas falas de Olavo. Não há contradição nem questionamento, nada que faça o pensamento avançar. A intenção é que o espectador escute respeitosamente o erudito, aceite sua “verdade” e passe a repeti-la como um credo. E que, além disso, passe também a repetir os xingamentos e agressões que o erudito coloca em suas redes sociais.

Muitas cenas em *O jardim das aflições* mostram livros organizados em estantes. Porém, em certo momento, o que vemos disposto na parede não são mais livros, mas uma coleção de armas (cf. figura 3).

Nas paredes de sua residência, o filme de Josias Teófilo mostra livros e armas: de um lado, o saber erudito e, de outro, a agressividade imoderada. O encontro desses dois elementos, ainda que inusitado, resume os dois aspectos da figura pública de Olavo de Carvalho e, ao menos em parte, ajuda-nos a explicar seu amplo alcance nas redes sociais.

**Figura 3:** as armas organizadas na parede em *O jardim das aflições*



Fonte: filme *O jardim das aflições*

Dossiê Guerras Culturais – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 –v. 24, n. 2, 2021

DOI: 10.29146/ecopos.v24i2.27705

### Referências bibliográficas

ABRANCHES, Sergio et al. *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil de hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (e-book)

ALVES, Marcelo. *#vaipracuba: a gênese das redes de direita no Facebook*. Curitiba: Appris, 2019a.

ALVES, Marcelo. *Desarranjo da visibilidade, desordem informacional e polarização no Brasil entre 2013 e 2018*. Tese (Doutorado em Comunicação). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2019b.

ARAUJO, Inácio. *Filme sobre Olavo de Carvalho não traduz bem ideias do filósofo*. Folha de S. Paulo, 5 jun. 2017. disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/06/1890183-filme-sobre-olavo-de-carvalho-nao-traduz-bem-ideias-do-filosofo.shtml>>. acesso em: 8 maio 2021.

AVRITZER, Leonardo. *O pêndulo da democracia*. São Paulo: Todavia, 2019.

BRUZZONE, Andrés. *Ciberpopulismo: política e democracia no mundo digital*. São Paulo: Contexto, 2021.

CALEJON, Cesar; VIZONI, Adriano. *A ascensão do bolsonarismo no Brasil do século XXI*. São Paulo: Lura Editorial, 2019.

CARVALHO, Olavo de. *O jardim das aflições – De Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o materialismo e a religião civil*. 2ª ed. São Paulo: É Realizações, 2000.

CEI, Vitor. Cultura e política 2013-2016: os incitadores da turba. In: CEI, Vitor; DANNER, Leno Francisco; OLIVEIRA, Marcus Vinícius Xavier de; BORGES, David G. (org.). *O que resta das jornadas de junho*. Porto Alegre: Editora Fi, 2017. p. 205-223.

CESARINO, Letícia. *Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal*. Revista de antropologia, São Paulo (online), vol. 62, nº 3, p. 530-557, 2019. disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/165232/158421>>. acesso em: 8 maio 2021.

CESARINO, Letícia. *Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética*. Ilha, Florianópolis, vol. 23, nº 1, p. 73-96, 2021. disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/75630/45501>>. acesso em: 8 maio 2021.

CUNHA, Martim Vasques da. *A tirania dos especialistas: desde a revolta das elites do PT até a revolta do subsolo de Olavo de Carvalho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático. In: ABRANCHES, Sergio et al. *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil de hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (e-book)

DUNKER, Christian Ingo Lenz. A psicanálise como experiência dialética em Matrix, dos irmãos Wachowski. In: DUNKER, Christian Ingo Lenz; RODRIGUES, Ana Lucilia (org.). *A realidade e o real: verdade em estrutura de ficção*. São Paulo: nVersos, 2012. (Coleção Cinema e Psicanálise; vol. 2)

FALCÃO, Márcio; GUERREIRO, Gabriela. *Para rebater deputada, Bolsonaro diz que não a 'estupraria'*. Folha de S. Paulo, 9 dez. 2014. disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/12/1559815-para-rebater-deputada-bolsonaro-diz-que-nao-a-estupraria.shtml>>. acesso em: 8 maio 2021.

FAUSTO, Ruy. Depois do temporal. In: ABRANCHES, Sergio et al. *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil de hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (e-book)

FONSECA, Joel Pinheiro da. Precisamos falar sobre Olavo de Carvalho. In: MAIA, Eduardo Cesar (org.). *Sobre livros e ideias: uma seleção de ensaios e entrevistas de Café Colombo*. Recife: Café Colombo, 2016.

GOMES, Wilson. *O complô comunista como matriz governamental de Bolsonaro*. Revista Cult, 26 jul. 2019. disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-complo-comunista-como-matriz-governamental-de-bolsonaro/>>. acesso em: 8 maio 2021.

HUSSNE, Arthur. *Olavismo e bolsonarismo*. Rosa, nº 1, mar 2020. disponível em: <<https://revistarosa.com/1/olavismo-e-bolsonarismo>>. acesso em: 8 maio 2021.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 3: As psicoses*. tradução: Aluisio Pereira de Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LOPES, Reinaldo José. *Trecho da Bíblia citado por Bolsonaro em ataque à Folha espelha visão de 'bem contra mal'*. Folha de S. Paulo, 30 nov. 2019. disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/11/trecho-da-biblia-citado-por-bolsonaro-em-ataque-a-folha-espelha-visao-de-bem-contra-mal.shtml>>. acesso em: 8 maio 2021.

MACHADO, Renato; DELLA COLETTA, Ricardo. *No Senado, assessor da Presidência faz gesto obsceno e racista*. Folha de S. Paulo, 24 mar. 2021. disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/03/senador-considera-obsceno-gesto-de-assessor-do-planalto-e-pede-sua-expulsao-da-casa.shtml>>. acesso em: 8 maio 2021.

MELLO, Patricia Campos. *A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. (e-book)

MOURA, Maurício; CORBELINI, Juliano. *A eleição disruptiva: por que Bolsonaro venceu*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

NICOLAU, Jairo. *O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2020.

O JARDIM DAS AFLIÇÕES. Direção: Josias Teófilo, 2017 (81 min.).

OYAMA, Thaís. *Tormenta – O governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. (e-book)

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, Adriano de (org.). *Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019. (Coleção Pensar Político) (e-book)

REIS, Daniel Aarão. *Notas para a compreensão do bolsonarismo*. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, vol. 46, nº 1, p. 1-11, jan.-abr. 2020. disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/36709/19614>>. acesso em: 8 maio 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Caminhos, 2021.

TEITELBAUM, Benjamin R. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. tradução: Cynthia Costa. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.